

# Desejos e interditos: minha leitura relaxada em *Crucifixo*, de Bruno de Menezes

Paulo Nunes<sup>1</sup>

## I

Bruno de Menezes, todos sabemos, é uma das mais importantes personalidades do Pará da primeira metade do século XX. Ele construiu uma obra respeitável, que vai de apontamentos sobre o cooperativismo até ensaios sobre as manifestações da cultura popular do Pará — a festividade de São Benedito da Praia, no Ver-o-Peso, e o Boi-bumbá junino. Mas foi como escritor, notadamente como poeta, que Bruno de Menezes contribuiu decisivamente para a literatura de expressão amazônica feita no Norte do Brasil. Há inclusive um número significativo de estudiosos que reconhece em **Bailado Lunar** (Gráfica do Instituto Lauro Sodré, Belém, 1924) o primeiro grito de modernidade na poesia paraense. Outros, no entanto, reconhecem na referida obra os prenúncios da modernidade.

É sabido que o fato de a nossa literatura ficar isolada entre o rio e a floresta provoca a formação de uma sombra ofuscante, que acaba causando prejuízos a poetas essenciais à cultura brasileira, como é o caso de Bruno de Menezes. Explico melhor meu ponto de vista. Quando estudiosos da Literatura Brasileira, notadamente os que se debruçam sobre as vertentes da negritude, desconhecem um texto como o de **Batuque** (1a. edição de 1930, *In: Poesia*, Belém) acabam, mesmo sem saber, incorrendo numa falha lacunar. Sem dúvida nenhuma, **Batuque** é um dos mais extraordinários livros da poesia negra do Modernismo brasileiro. Mas fora da Amazônia, quem o conhece? Este isolamento, mesmo em que pesem os avanços tecnológicos dos meios de comunicação, ainda persiste e a nossa função é a de — de uma maneira ou de outra — divulgar o que foi e está sendo produzido aqui na faixa equatorial.

Mas, em verdade, como **Batuque** é já uma obra bastante divulgada e estudada por diversos estudiosos paraenses, pousaremos nosso olhar panorâmico (panorâmico mas de leitor inquieto) sobre outra obra: **Crucifixo**, que, a nosso ver, necessita ser revisitada e descortinada, através de uma leitura

que, antes de mais nada, acresça às demais leituras feitas anteriormente.

## II

Salvo engano, **Crucifixo** é uma obra de inspiração formal parnasiano-simbolista, não raro, vemos, por exemplo, sonetos sustentando ideais católicos. A própria epígrafe do livro destaca dois versos de Olavo Bilac: “...Alma,.../ Ardes, sangras, pregada à tua cruz...” Esta epígrafe já anuncia o mote que atravessa todo o livro: a necessidade de afirmar o lado místico latente no escritor. Até aí nenhuma novidade, há de dizer o leitor. Nesta obra, os símbolos e as metáforas cristãs predominam porque fazem parte deste projeto estético do poeta. Há um sem-número de vocábulos que constata esta afirmativa. Basta folhearmos as páginas do livro para ficarmos frente a frente com signos como *Deus, Jesus, Calvário, Cruz, Sagrado Coração*.

O amor religioso predominante na obra é de perfil platônico, ideário de tal modo perfeito que se torna difícil de ser alcançado pelos simples mortais; daí o poeta assumir para si esta ingrata missão de perfeição:

“— Para os poetas, no mundo, há sempre a Cruz  
Do Ideal, da Perfeição — Samaritana (...)  
Sonho, Idealismo, distendido a flux  
Só do Sagrado Coração promana...”

Observe-se que a qualquer um pesa o “fardo” de uma religião que tem no sofrimento uma de suas principais bases de sustentação, quanto mais sofre o fiel, maior são as possibilidades dele alcançar a vida eterna. Daí vermos boiar uma linguagem por vezes pródiga em lamentações e queixumes, mas interessante, dado o arrojo do imagético alcançado:

“...Todo Poeta é o Homem-Deus — incompreendido.

*A espiritualidade é pobre lesma...”*

<sup>1</sup> Professor de Teoria da Literatura I e Literatura Amazônica da Unama

Perceba-se portanto que a imagem alcançada é — no mínimo — estranha, uma vez que espiritualidade “corporificou-se” numa *pobre lesma*. Neste mesmo poema é evidente o tratamento metalinguístico perseguido na construção dos versos. De onde se depreende que predomina o perfil do poeta como um sofredor, aquele que necessita escrever para purificar-se; assim como Cristo precisou da Cruz para salvar o mundo dos pecados, os leitores necessitam do poeta para melhor viver, e o escritor, por sua vez, faz de seu ofício, incompreendido ofício, um ato de amadurecimento, de crescimento humano:

“O Crucifixo é um símbolo... Jesus,  
O Sofrimento na Paixão humana.

— Para os Poetas, no mundo, há sempre a  
Cruz

Do Ideal, da Perfeição — Samaritana (...)  
Todo Poeta é o Homem-Deus — incompreendi-  
do.”

Outra visão que salta aos olhos neste **Crucifixo**, é sem dúvida, a de que a mulher é um ser santificado, angelical, e por vezes, a mártir que se sacrifica pelos seus semelhantes, quando isto se faz necessário, um paradigma para o Catolicismo que vê na Virgem Maria o espelho em que devem refletir-se todas as mulheres:

“A missão da mulher sobre a terra é ser boa,  
prender os corações, catequizar as Almas.  
Dentro da humana fé tudo olvida e perdoa  
este Anjo tutelar, de asas no azul espalma.

Por um filho, se é mãe, quantas noites incal-  
mas!

Noiva, amorosa e fiel, como esposa, abençoa!  
— A Caridade e o Bem são vicejantes palmas  
Neste ser feminino que nunca amaldiçoa!...”

Até aí nada de muito curioso. O exercício poético de Bruno de Menezes, neste livro, não condiz ainda com o ideário das obras posteriores — **Bailado Lunar** e **Batuque**. Mas isso é compreensível na medida em que **Crucifixo** é o livro de estréia. Vale lembrar que o poeta ainda não detém a intimidade com o verbo, que marcará — mais tarde — sua trajetória literária. Como é próprio nos iniciantes, a influência dos mestres se faz valer aqui: poemas de inspiração mórbida e melancólica que nos fazem remeter à literatura de Álvares de Azevedo, sem falar a influência simbolista de Cruz e Sousa, só para citar dois exemplos. Mas o que mais salta aos olhos neste

livro de estréia é um sentimento sensual e erótico que se vê implícito ao discurso religioso enunciado.

Embora — salvo engano — as religiões cristãs tentem *abafar* o potencial erótico do ser humano, é impossível deixarmos de perceber que, em muitos textos literários, a busca do ideal sagrado perpassa pelas experiências do desejo e do amor físico. Em **Crucifixo** não se dá de outro modo, até porque, mesmo que pela *negação do suplício*, o objeto de culto do Cristianismo se dá a partir do corpo de Jesus. Desse modo não é difícil percebermos que sob o discurso cerimonioso e bem-comportado do poeta estrepante, insinuam-se signos verbais de expressiva carga erótica. Negar esta possibilidade de leitura, a meu ver, é relegar este texto à artificialidade de um culto místico cristão que, no decorrer da criação poética de Bruno, vai dissolver-se na medida em que a religiosidade afro-brasileira ganha vulto nos poemas de **Batuque**, obra-prima da poética do autor de **Bailado Lunar**.

Em “Intangível”, por exemplo, o poeta apresenta inicialmente o “amor de espiritual idealidade”, assim tenta sustentar, o projeto de amor enquanto Idéia, desvinculado do gozo físico. No entanto, mais à frente, ele contradiz-se na medida em que reclama da presença “de intrusos”, que impedem seu encontro reservado com a amada:

“Pena é que exista o mundo junto a nós.  
Antes fôssemos do Alto — espirituais<sup>1</sup> —  
Entre paradisiacos e nós!...”

E na última estrofe a mulher amada transmuta-se aos olhos do poeta, oscilando de *ídolo do idealismo* ao símbolo da tentação, àquela que está enrodiada pela serpente:

“No Idealismo criei-te um Ídolo dos fiéis...  
e de Alma e de Coração, nos meus Rituais,  
Beijo a serpente que te enlaça os pés!”

Nesta passagem de “Intangível” é impossível não estabelecermos um vínculo intertextual com “À Mesma Dona Ângela”, composição lírico-amorosa atribuída a Gregório de Matos Guerra, na qual o poeta baiano confessa sua instabilidade sentimental diante da figura da amada, que, no início do poema, é um ser angelical mas, ao final, transforma-se no “anjo tentador”: “...Se como Anjo sois dos meus altares,/ Fôreis o meu custódio, e minha guarda,/ Livrara eu de diabólicos azares.// Mas vejo, que tão bela, e tão galharda,/ Posto que os Anjos nunca dão pesares,/ Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.”

Esta mesma visão dual de mulher é apresentada ao leitor já no terceiro poema do livro: “Missão Bendicta”, quando o poeta apresenta os dois paradigmas de mulher, Maria, aquela que simboliza a pureza, e Eva, malvista pelos religiosos ortodoxos, na medida em que foi aquela quem induziu Adão à delinquência, e assim funda, no seio da humanidade, o pecado original:

“... Para nos compensar das misérias do mundo,  
o Supremo Criador deu-nos **Eva e Maria**,  
como Idealismo e Crença ao nosso mal profundo...”

### III

O leitor há de, ao ler meu argumento, perguntar-se: não há um exagero em ver esta pulsão sensual em um texto de tendência religiosa? Felizmente o texto literário é passível das mais diversas leituras, e a minha, embora despretensiosa e desarmada de teorias, por hora, deseja revigorar o texto de Bruno, na medida em que um novo olhar a ele é lançado. Sabemos que não nos importa se houve ou não intencionalidade do criador em sugerir situações de desejo. O criador, muitas vezes, perde controle sobre a criatura: a linguagem textual “traí” aquele que lhe deu forma. É o que constatamos na coletânea de **Crucifixo**.

Nesta perspectiva, Samira CHALRUB, em seu ensaio **Poética do Erótico**<sup>2</sup>, afirma:

“A linguagem perverte o corpo.  
Nessa intenção, sempre adiada, brota o desejo.  
Entre o homem e o desejo: lei das interdições.”

(p. 17)

Há portanto uma voz-criadora que, embora tenha consciência dos interditos, consegue expressar-se. Este dizer, repleto de desejos, se completa na medida em que o leitor, ávido, preenche as lacunas do texto, reescrevendo-o conforme suas expectativas. Por isso avancemos em direção ao corpo crucificado e trespassado de cravos em que Bruno de Menezes transfigurou a palavra.

O poema “A Cruz das Cruzes” é um dos textos que mais intensamente pode reafirmar as interdições do poeta. Mesmo em que pese o grande teor dramáti-

co do texto, ele apresenta-se sustentado pelo eufemismo: o crucifixo é o poema, o calvário é o pescoço encantador da amada, artifícios bastante suavizados, indicação lenitiva aos *leitores-fielis* que pretendem percorrer uma rota de sofrimentos e suplícios:

“...Um Crucifixo é-me um poema evocador  
Onde quer que o lobrige o meu anseio.  
Teu pescoço é um calvário encantador,  
Se uma cruzinha de ouro lhe atas — sei-o...”

Perceba-se no último verso transcrito acima, o sutil jogo de palavras, que transforma o verbo em substância do desejo. **Sei-o** pode ser lido como **seio**.

Mas nem só de sutilezas vive o poeta. Nem tão sutil quanto no excerto acima, o poema “Crucifixo Astral” libera um *eu-lírico* já mais ousado. O poeta, a cada página mais seguro de si, revela seu estado de agonia desejante e metaforiza a amada na constelação do Cruzeiro do Sul, “cruz de luz”, onde o corpo do poeta conjugar-se-á com o da amada, numa até então inusitada fusão de espírito e matéria:

“... E o Cruzeiro do Sul, alto, brilhando...  
e eu, crendo que és tu,  
vestindo em malha este teu corpo nu,  
que estás lá em cima,  
formando  
a Cruz de luz  
Em que espero ser fixo...”

### IV

Em se tratando de literatura, uma outra vertente do desejo erótico, é, a nosso ver, o exercício da metalinguagem. Se considerarmos a expressão *arabe corpo da letra* (rediviva por Roland Barthes?), a letra é um símbolo que se faz extensão onírica do humano corpo desejado. Assim a metalinguagem, enquanto artefício poético, passa a adquirir importância fundamental. O corpo da amada e o da letra figuram — ao mesmo tempo e lado a lado — a busca do prazer e da dor. O amor, este sentimento humanamente fatal, é a junção da carnalidade, do sofrer; a busca de si no outro e do outro em si. Uma ilusão que toma forma em diversos poemas de **O Crucifixo**. O poeta assume sua própria cruz, faz-se o Messias da arte de ver-sejar, uma atitude um tanto ousada para quem “debuta” no mundo da literatura. Vejamos, em “Crucifixo Astral”:

<sup>2</sup> CHALRUB, Samira. **Poética do Erótico**. Escuta: São Paulo, 1993.

“... E eu, crendo que és tu,/ vestindo em malha este teu corpo nu,  
que estás lá em cima,/ formando/ a Cruz/ de luz em que espero ser fixo.

*E a Noite é o Gólgota, em cima.  
Eu sou um Cristo da Rima,  
És o Cruzeiro,/ o Madeiro  
— somos o astral Crucifixo!...”*

Este mesmo olhar é confirmado no texto de abertura da coletânea:

*O Crucifixo é um símbolo... Jesus,  
o Sofrimento na Paixão humana.  
- Para os Poetas, no mundo, há sempre a Cruz do Ideal, da Perfeição, — Samaritana  
.....  
Há quanto tempo que a tragédia é a mesma!  
Todo Poeta é o Homem-Deus, — incompreendido  
A espiritualidade é pobre lesma...”*

O texto literário, artefato alinhavado por diversos fios de expectativa, intermedia, entre o leitor e o escritor, os mais diversos sentimentos. E, sabemos, que quanto mais o leitor “vampiriza” o texto amado, maior o poder de sedução que se instala entre o emissor e o receptor. Roland Barthes diz, em um dos fragmentos de **O Prazer do Texto**<sup>3</sup>:

“...O texto que o senhor (escritor) escreve tem de me dar prova de que ele me deseja. Essa prova existe: é a escritura. A escritura é isto: a ciência das fruições da linguagem, seu kama-sutra...” (Barthes, p.11)

Esta leitura relaxada e breve de **Crucifixo** nada mais é que a tentativa de revigorar uma obra que deu início à poética de Bruno de Menezes. Leitura que re-alinha significantes que o texto, no entreaberto da linguagem, a mim mostrou. Peço perdão se o pre-concebido ato de entrega não pareceu sedutor ao leitor. Que outros encontros/encantos se façam. Para isso, basta abrir o livro à página 25<sup>4</sup>. Axé!

3 Barthes, Roland. **O Prazer do Texto**: Perspectiva: São Paulo, 1977.

4 Menezes, Bruno. **Obras Completas**, vol. 1., Secult/Cejup: Belém, 1993.